



## Alfabetização de pessoas jovens e adultas e a vocação ontológica para o ser mais: o que nos diz o pensamento de Paulo Freire

*Youth and adult people's literacy and the ontological vocation to be more: what Paulo Freire's thought tells us*

 Oséias Lima da Silva

Mestrando em Educação

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Caxias, MA – Brasil

[oseiasgoncalves2015@gmail.com](mailto:oseiasgoncalves2015@gmail.com)

 Edinólia Lima Portela

Doutora em Educação

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

São Luis, MA – Brasil

[edinolia@yahoo.com.br](mailto:edinolia@yahoo.com.br)

**Resumo:** Trata-se de um estudo bibliográfico que caminha por uma abordagem de natureza qualitativa em que refletimos acerca da vocação ontológica para o “ser mais”, defendida por Paulo Freire. Para tanto, percorremos a perspectiva pedagógica de alfabetização para pessoas jovens e adultas, afirmando que essa premissa permite que os sujeitos sejam (re)criadores e que se (re)façam como seres de autonomia. O trabalho ancora-se à luz do pensamento de Freire (1979, 2009), Ana Freire (2014) e Hanh (2021). Entendemos que o decurso da alfabetização, afinado com o estatuto ontológico, propicia aos educandos/as condições que lhes oportunizarão reconhecerem-se como sujeitos e, assim, desvelarem a consciência no sentido de iniciarem o rompimento com as forças opressoras que concorrem para que não sejam “seres mais”. No entanto, para que esse ciclo se complete e a proposta se concretize como libertadora, é necessário que educandos/as e educadores/as alcancem a conscientização e a humanização, compreendendo, que o/a opressor/a também não é livre.

**Palavras chave:** alfabetização de pessoas jovens e adultas; vocação ontológica para “ser mais”; ideário Freiriano.

**Abstract:** It is a bibliographical study that follows a qualitative approach in which we reflect on the ontological vocation for “being more”, defended by Paulo Freire. For that, we go through the pedagogical perspective of literacy for young people and adults, affirming that this premise allows the subjects to be (re)creators and to (re)make themselves as beings of autonomy. The work is anchored in the light of the thought of Freire (1979, 2009), Ana Freire (2014) and Hanh (2021). We understand that the course of literacy, in tune with the ontological statute, provides the students conditions that will allow them to recognize themselves as subjects and, thus, reveal their conscience in the sense of initiating a disruption with the oppressive forces that contribute to not allow them "being more". However, for this cycle to be completed and the proposal to materialize as liberating, it is necessary for students and educators to reach awareness and humanization, understanding that the oppressor is not free either.

**Keywords:** literacy of young people and adults; ontological vocation to “be more”; Freirean ideology.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

SILVA, Oséias Lima; PORTELA, Edinólia Lima. Alfabetização de pessoas jovens e adultas e a vocação ontológica para o ser mais: o que nos diz o pensamento de Paulo Freire. *Dialogia*, São Paulo, n. 43, p. 1-15, e23173, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/43.2023.23173>.

*American Psychological Association (APA)*

Silva, O. L., & Portela, E. L. (2023, jan./abr.). Alfabetização de pessoas jovens e adultas e a vocação ontológica para o ser mais: o que nos diz o pensamento de Paulo Freire. *Dialogia*, São Paulo, 43, p. 1-15, e23173. <https://doi.org/10.5585/43.2023.23173>.

## Reflexões Iniciais

Apesar de vivermos em uma sociedade grafocêntrica, que valoriza quem pertence ao mundo letrado, grande parcela da população brasileira nunca frequentou a escola ou não completou os ciclos escolares na infância. Nessa lógica, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua<sup>1</sup> (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2019, 6,6% da população brasileira acima de 15 anos não foi alfabetizada, perfazendo, assim, 11 milhões de brasileiros/as. A (des)escolarização contribui para o sentimento de inferioridade, o que contribui para não se sentirem livres e transitarem pela sociedade com disposição para estabelecerem e desenvolverem projetos que lhes façam se sentirem “seres mais”.

“Ser mais” em Freire (1979b) é um termo utilizado como vocação ontológica do ser humano. Na relação pedagógica entre professor/a e aluno/a, a expressão se traduz como a necessidade de potencializar a amorosidade enquanto prática educacional. Autores/as como Vania Finholdt Angelo Leite (2021) e Marcos Aurélio Trindade (2018) identificam nove características do “Ser Mais” na visão de Freire, a saber: consciência de si; consciência do mundo; esperança, lidar com a diferença – aprender quem eu sou; estar sendo e humildade; identidade cultural; ser político – não neutralidade; e sonho.

É fato que as pessoas que não dispõem do domínio da leitura e da escrita não possuem visão sobre o que apontam os/as autores/as, o que concorre para a supressão de acessos aos bens sociais e culturais e, portanto, também de ocuparem posições reconhecidas no mundo do trabalho, bem como, reconhecimento social. A parcela social que lhe foi negada a oportunidade de percorrer os decursos escolares está aglutinada nos estratos sociais menos favorecidos. Por estar nesta posição na pirâmide social, o imaginário do *status quo* da sociedade brasileira, enxerga o direito Constitucional<sup>2</sup> de oferta educativa a esses homens e mulheres, como desnecessário, o que reverbera na frouxidão da organicidade legal e no fazer pedagógico dessa educação, isto é, na relação educador/a x educando/a.

Seguindo a perspectiva biófila<sup>3</sup>, Paulo Freire assume a preocupação com a vida, sobretudo, a vida humana, e desenvolve abordagem alfabetizadora de pessoas jovens e adultas na perspectiva de estas se sentirem sujeitos de suas vidas.

A experiência mais concreta e que serve de referência sobre a propositura freiriana ocorreu no ano de 1960 no sertão nordestino, em particular na cidade de Angicos no estado do Rio Grande

<sup>1</sup> Para mais informações, ver em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>.

<sup>2</sup> A Constituição Federal de 1988, em seu art. 205, garante o acesso à educação para todos, sendo dever do Estado e das famílias, em priorizar a formação cidadã e para o trabalho. No art. 206, esclarece acerca da criação de condições equânimes para a garantia ao acesso e permanência na escola (BRASIL, 1988).

<sup>3</sup> Termo grego que em tradução livre significa “amor às coisas vivas”. Na matéria freiriana percebemos seu apreço pela vida, sobretudo, das pessoas, animais, águas.

do Norte. Na ocasião, foram alfabetizados/as 300 camponeses/as em um espaço tempo de 40 horas, proposta intermediada pela metodologia dos círculos de cultura, em que, *a priori*, se levanta o diagnóstico da comunidade a ser alfabetizada, considerando os traços culturais e linguísticos, os saberes e os anseios da população a ser alfabetizada.

Segundo a mátria freiriana, êmula da visão fatalista da realidade, esses/as homens e mulheres, no decurso da alfabetização, estabeleciam uma relação dualista, de modo que à medida que eram aprendizes, também ensinavam, processo que lhes dava confiança para sentirem-se em projeção “seres mais”.

No ideário freiriano, os/as educadores/as ao formarem também são formados/as pelos/as formandos/as, pois a proposta de alfabetização não acontece de forma verticalizada, tampouco se dá como um processo apenas de (des)cobrimto, “de cima para baixo, ou de fora para dentro, mas sim de dentro para fora” (FREIRE, 1979b, p 79), partindo essencialmente dos/as alfabetizandos/as, das suas concepções e leituras de mundo, dos seus saberes e sonhos e da sua vocação ontológica para o “ser mais”. Nesse aspecto, Freire acredita que tanto os/as que ensinam quanto os/as aprendentes têm essa vocação para serem sujeitos.

Assim, a alfabetização em analogia com a vocação ontológica para o “ser mais” se dá aprioristicamente pelo rompimento/superação de um ideário bancário, em que os sujeitos eram apenas arquivadores do conhecimento, achegando-se ao ideário revolucionário. Nesse processo, os/as homens e mulheres desnudam-se da concepção de “somente ser”, superando, ainda, a condição de indivíduos condicionados/as aos preceitos, ideologia/alienação das forças motrizes do capital que os/as oprime e desumaniza, mas, transcendendo essa posição, passam a ser pessoas que compreendem e fazem a realidade, evocando, dessa maneira, a possibilidade de “ser mais”, de intervir no mundo e humanizar-se.

Desse modo, este artigo tem como propósito refletir sobre alfabetização de pessoas jovens e adultas. Tomamos como parâmetro a perspectiva de Paulo Freire que evidencia a vocação ontológica para o “ser mais”.

Entendemos que essa pedagogia ancora-se na possibilidade de emancipação dos sujeitos, uma vez que a alfabetização transcende a ação de aquisição e domínio da materialidade linguística do texto como uma tarefa de (de)codificação. Desta forma, ao romper com essa possibilidade, mostra-nos que os homens e as mulheres iletrados/as já leem o mundo antes de lerem a junção de vogais, semivogais e consoantes, já que o mundo em que estão inseridos e no qual desenvolvem suas atividades favorece um conjunto de saberes, leituras e experiências que precisam ser consideradas.

No que concerne aos aspectos metodológicos, esse estudo assume um caráter de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico, ao qual nos propusemos, a partir das aproximações epistemológicas e ontológicas, falar sobre alfabetização de pessoas jovens e adultas a partir da matriz freiriana. Neste caminhar, apoiamo-nos em Triviños (1987) quando esclarece a concepção acerca do materialismo filosófico, que se sustenta na ideia das conclusões a partir da cientificidade para explicar o homem, o mundo e a vida. Em Freire, em especial sua obra *Conscientização* (1979), na qual o estudioso relata suas experiências de alfabetização desenvolvidas em meados da década de 1960, e na *Pedagogia do Oprimido* (2009), que discorre acerca da relação oprimido/a x opressor/a, conscientização e humanização dos homens e mulheres. Além das obras citadas, recorreremos também à Ana Freire (2015), sucessora legal das obras de Freire, e Hanh (2021), que discute como a vocação ontológica para o “ser mais” humaniza os indivíduos.

### **Alfabetização, conscientização e humanização: dos textos aos contextos**

Compreendemos que devido a educação ser um fenômeno socialmente construído, ao discuti-la devemos considerar os traços sócio-históricos em que ela está inserida. Nesse sentido, quando tratamos de alfabetização, em particular aquela destinada às pessoas jovens e adultas que não puderam percorrer os trajetos escolares na infância, relatemos as grandes dificuldades enfrentadas na democratização do acesso à educação, pois *a priori*, historicamente, foi consolidado no imaginário social e reforçado pelas políticas brasileiras a imprescindibilidade da educação apenas na infância. Assim, os processos escolares que fugissem desse espectro seriam considerados como regalia e, por conseguinte, desnecessários.

Evidentemente, a alfabetização e a escolarização de pessoas jovens e adultas não são determinantes na garantia ao usufruto dos bens sociais, culturais e simbólicos. Todavia, quando participam de itinerários de alfabetização que adotam um movimento revolucionário, ou seja, contrários aos pressupostos de uma educação bancária e de arquivamentos, nessa pedagogia tanto os/as alfabetizadores/as quanto os alfabetizados<sup>4</sup> são sujeitos de conhecimentos, saberes e, portanto, têm a capacidade de ensinar à proporção que aprendem. Nesse caminho para a conscientização, em que se desnudam da condição de indivíduos e passam a percorrer pela sua natureza ontológica de sujeito, percebem que a realidade não é estática, compreendendo-a então como um problema, que necessita de vigilância e intervenção.

---

<sup>4</sup> Não utilizaremos nesse estudo termos como: não escolarizados/as, analfabetos/as, ou sujeitos com baixa escolarização, por acreditarmos que as aprendizagens acontecem em diversos espaços além da escola. Ademais seguindo o ideário do pensamento Freiriano, reconhece os/as alfabetizados/as como sujeitos, seres cognoscentes, de saberes e que não podem ser conceituados como analfabetos/as, termo que segundo sua filosofia advém de uma postura que nega os saberes, aprendizagem que trazem as pessoas jovens e adultas.

Nesse mesmo aspecto, Álvaro Pinto (1987) elucidam-nos acerca da necessidade de olhar para as pessoas analfabetas partindo de uma visão sobre sua pessoa enquanto ser humano, tendo como ponto inicial o analfabetismo, haja vista que a condição de pessoas ainda iletradas é uma questão social, por isso secundária. O analfabetismo, pois, é um fator sociológico, não humano. Dessa forma, deve-se superar a concepção ingênua e, logo, etimológica do conceito de analfabetismo das pessoas que não foram alfabetizadas ainda. Entendemos que não são apenas pessoas que não sabem ler, mas pessoas que, por suas condições concretas de existência, não precisam ler a palavra. Nesse sentido, o analfabetismo não se torna um acidente, mas a originalidade sociológica dos homens e mulheres que compõe a triste realidade do inaccessível ao mundo letrado.

De acordo com o ideário de Freire (1979b), o processo de alfabetização ancora-se no sentido de preparar os/as alfabetizandos/as para além da aquisição das propriedades de leitura e escrita, transcendendo essa possibilidade ao alfabetizá-los/as e oferecer-lhes a autonomia de construir suas próprias vidas, biografando-se, historicizando-se, tornando-os/as homens e mulheres conscientes/as e capazes de apreciar e fazer suas próprias existências, consolidando-se como presenças no mundo, ademais que tenham independência para redigir suas biografias ou reescrevê-las. Mas, para tal, é necessário percorrer um longo trajeto que se inicia com a necessidade de serem conscientizados/as na gestação da inquietação para saírem da condição de subordinação e opressão.

Na destreza e autonomia de discorrerem sobre suas próprias biografias, Freire (2009) esclarece que homens e mulheres precisam abandonar a condição de indivíduos, em que, subordinados/as à hegemonia opressora, há um olhar inautêntico da realidade e, nessa conformidade, veem a realidade de forma estática e irreversível, endossada por uma visão fatalista da vida e mundo o que os/as leva a buscar maneiras de adaptarem-se aos determinismos que os/as suprime, numa constante alienação. No entanto, o acenamento para a vocação ontológica para o “ser mais” se constrói como um declínio, em uma espécie de chamamento ou provocação em que os sujeitos sentem a necessidade de serem conscientizados/as. Nesse sentido, nos passos da alfabetização crítica são guiados/as por um percurso dialógico.

A dialogicidade no percurso de alfabetização na matéria freiriana torna-se essencial, pois se difere dos modelos de opressão em que os sujeitos foram submetidos, em que as relações acontecem de forma verticalizada, com ordenamentos e solilóquios de pequenos grupos de poderosos/as, detentores de bens, poder com vasto acesso ao bojo social e dominância sobre coletivos de pessoas. No movimento libertário de Freire (2009), oposto aos preceitos de subordinação, a abordagem para alfabetização acontece por meio do diálogo, intermediada por repertórios linguísticos, culturais e geográficos presentes na vida dos alfabetizandos/as.

Objetivamente, o apanhado contextual embasará a organização dos círculos de cultura e os temas que gerarão as discussões coletivas e a alfabetização. Logo, a perspectiva é instigar nas pessoas jovens e adultas a percepção crítica da realidade, tornando-as mais politizadas e propensas a provocações para serem “seres mais”, desprendendo-se das motricidades opressoras.

Segundo Freire (1978), é necessário que se instale nos/as educandos/as a compreensão acerca sua condição de oprimido/a e a possibilidade da libertação, por isso a educação não pode ser apenas depositada, doada, mas debatida e construída de forma grupal e coletiva. Ao passo em que se alfabetiza, também tenta-se desvelar nesses sujeitos oprimidos/as a consciência. A filosofia freiriana se assume contrária à educação de transplantes, que nega a percepção real dos educandos/as e dispensa a sensatez ética em perceber como os/as alfabetizando/as apreendem os ensinamentos no processo de aprendizagem, em uma espécie de percurso autoritário que recusa as subjetividades dos sujeitos, estando os/as que alfabetizam a proferirem aprendizados para si mesmos, pautados/as em suas próprias apreensões e peculiaridades, sendo, por essas razões, contrários/as à vocação para o “ser mais”.

Em Freire, a alfabetização ocorre paralelamente à conscientização, uma vez que as pessoas jovens e adultas, no ato de lerem as palavras, releem a si e ao mundo ao qual pertencem. Nessa lógica, ao compreenderem os condicionantes que os/as inferiorizam, os sujeitos em alfabetização sentem a necessidade de serem conscientizados. Mas, para isso, é fundamental que percorram percursos e usem de alternativas diferentes das usadas por quem lhes oprimem, porque, ao se perceberem como subalternizados/as, rompem com os/as opressores/as a relação de subordinação.

Hanh (2021) discorre que, ao libertar-se, o/a oprimido/a também emancipa quem o/a oprime, visto que, quando proíbe que o/a opressor/a o/a desumanize, liberta-o/a da concepção errônea da relação opressor/a/ x oprimido/a. Nessa vedação arbitrária da liberdade ontológica do “ser mais” que acontece de forma isolada e verticalizada resulta o “não-ser”, ou “ser menos”, pois quando desumaniza de forma inconsciente o/a opressor/a também está em processo de desumanização, uma vez que sou enquanto permito ao outro ser. Desse modo, não é o/a opressor/a quem liberta o oprimido/a, mas o inverso. Ao negar o direito da opressão, o subalterno/a também livra o/a dominante da falsa ideologia de dominação, negação da própria vocação para o ser e fazer mais.

Nesse contexto de alfabetização, que pressagia o rompimento com a hegemonia opressora, os homens e as mulheres já cômicos/as trilham para a humanização, em virtude de já não aceitarem

mais serem vistos/as e tratados/as numa ótica de coisificação<sup>5</sup>, mas como gente, da espécie humana. Freire (2009) esclarece que a humanização inicia-se na relação de intersubjetividades, quer dizer, quando homens e mulheres já conscientizados/as se relacionam sem interferências no direito do outro ser, sendo em liberdade, inerente à espécie humana, sem proibição da existência. Assim, a presença dessa relação intersubjetiva favorece as pessoas alcançarem o direito de serem sujeitos.

No ensejo, refletimos que, quando as pessoas jovens e adultas durante o percurso alfabetizador são reconhecidos/as como sujeitos desse processo, rompendo com o ideário bancário que os/as tinha apenas com depositários ou receptáculos, assumem-se como seres cômicos/as. Esse contexto de alfabetização crítica reverbera por abordagens com problematizações, trazendo para os círculos de culturas discussões que são experienciadas pelos/as próprios/as educando/as, fomentando a capacidade de analisar de forma crítica as amarras sociais, políticas e econômicas que os/as prendem. Assim sendo, a humanização vislumbra a intendência para o desprendimento e desligamento das motricidades dominantes.

A proposta de alfabetização de Freire está alicerçada em um método “[...] contido em sua compreensão crítica de educação, propõe ensinar a leitura do texto lendo o contexto histórico, a leitura da palavra ao lado da leitura do mundo. Esta dialeticidade implica, pois, na conscientização da realidade” (ANA FREIRE, 2015, p. 297).

As pessoas que percorrem os itinerários de alfabetização emancipadora e crítica conseguem ler as palavras pela primeira vez, compilando grafemas e fonemas e apreciando, assim, a materialidade linguística do texto. Nesse ritmo, ao lerem os textos, releem os contextos, pois a leitura primeira do mundo não estava em alinhamento com a consciência de sujeitos que adquiriram ao longo do processo; já na releitura conseguem refletir sobre a organicidade social, as forças capitalistas e opressoras que tentam os/as submeter à condição de objetos, coisas, sem grande valia, frente às ambiguidades da vida. Os sujeitos, agora adornados de consciência e valor, dispõem-se para o chamamento, não apenas para ser, mas transcendendo essa necessidade e granjeando a possibilidade de “ser mais” (FREIRE, 1979b).

A evocação ontológica para o “ser mais” advém de um processo de alfabetização que integra aos sujeitos amplo discernimento sobre a vida, inquietude e desejo de transformação. Ana Freire<sup>6</sup> (2015, p. 297) assegura que alfabetização nesse ideário propõe “[...] ensinar a leitura do texto lendo o contexto histórico, a leitura da palavra ao lado da leitura do mundo. Esta dialeticidade implica, pois, na conscientização da realidade”. É necessário que se leia os textos e os contextos,

<sup>5</sup> Termo cunhado por Karl Marx para designar a alienação característica do modo de produção capitalista que desconsidera o estado emocional e psicológico dos indivíduos nivelando-os aos objetos.

<sup>6</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estudiosa, colaboradora, viúva e sucessora legal de obra de Paulo Freire.

uma vez que não há como falar de homens e mulheres no mundo sem que esses estejam pertencentes a ele. A dialogicidade implica, por seu turno, a relação do homem e da mulher com o mundo, construindo-o/a como ser cognoscente, ou seja, capaz de aprender, investigar e intervir no mundo cognoscível, passível de desbravamento e intervenção.

Esclarece a autora, ainda, que na alfabetização é necessário ler o texto escrito e o texto falado sem dicotomia, pois, ao ler-se apenas a materialidade linguística não observando as circunstâncias e a ambientação da tessitura social e de mundo, essa leitura torna-se a conjunção de signos sem grandes significações, já que o ato de ler os escritos irradia na arqueologia do próprio contexto, uma vez que as palavras não são isoladas, tampouco estão deslocadas do mundo. Por conseguinte, ao alfabetizar pessoas jovens e adultas há a instauração nos/as educandos/as do discernimento crítico de apreender e perceber a organicidade social. Nessa lógica, também o texto escrito ancora-se no texto falado, haja vista que sem a fala, sem o contexto, os escritos são palavras vazias, simplórias e sem grandes significações.

Por isso, segue-se a lógica do texto-contexto-diálogo, em que, ao lerem as palavras, também debruçam-se numa leitura dos contextos que são inerentes a cada um, às palavras, à vida. Dessa forma, ocorre o diálogo, premissa imprescindível nessa pedagogia, tanto os/as alfabetizadores/as quanto os/as alfabetizados/as conseguem problematizar a partir das fragilidades da realidade não estática, as situações limite que são dificuldades impostas pela hegemonia dominante para que dificultem o trajeto de emancipação (FREIRE, 2015, 2009). Ressaltamos que a dialogicidade não acontece de forma intercalada, ou esporádica, mas há constante recorrência, haja vista que essa capacidade dialógica contrária a pedagogia de solilóquios vislumbra as relações intersubjetivas, de modo que nenhum dos sujeitos corra a liberdade de ser, mas que, em comunhão, (r)eduquem-se e conscientes percorram os caminhos para humanização.

Destarte, no que concerne à alfabetização à luz de Freire (2009, 2013b), entendemos o reconhecimento da potencialidade em cada homem e mulher – ou, segundo as matrizes da linguagem freiriana, a percepção da vocação para o “ser mais” pré-existente em cada sujeito – como um chamamento ontológico. Embora a situação desumanizante deva ser trabalhada, não pode ser o que impulsiona o ponto de partida da reflexão, pois seria desumanizar todos/as. Por isso, na alfabetização para a humanização, deve-se ater às perceptivas de formação a partir de uma visão esperançosa, rompendo as postulações sobre as injustiças como um fato insuperável, mas que, antagonicos/as a essas hegemonias, tornam-se capazes de adotarem o exercício humano de existir, pois, ao serem mais, são seres que indagam as injustiças que os/as sobrepõem.

A predisposição para “ser mais” está em todos/as, dado que é possível sentir em si a necessidade de mudança. Nos trajetos alfabetizadores, os sujeitos entendem de forma singular e



coletiva que todos/as podem ter um melhoramento e se resignificarem, já que essas transformações são inerentes à espécie humana. Com a matéria de Freire (2009) entendemos que onde há gente, há inacabamento. Portanto, a vocação ontológica para o “ser mais” é um processo costumeiro, mas que depende da percepção e necessidade dos/as homens e mulheres, uma vez que, ao perceberem quem são, entendem que não podem apenas ser, mas que, transcendendo em condição, podem “ser mais”, fazer mais e intervir no mundo.

### **Como a vocação ontológica consegue humanizar os indivíduos?**

A luta pela ruptura com as forças opressoras exige dos/as oprimidos/as o entendimento de que eles/as são desumanizados/as. Nessa lógica, em caminhos para serem pessoas conscientizadas, entendemos que emancipação não se trata apenas da vantagem econômica, de adquirir o poder de compra, consumo ou acesso aos bens sociais, mas uma luta pela emancipação. O alcance desses bens faz parte da luta, mas a liberdade da qual falamos vai além, já que irradia à luz de uma autonomia de ser, do rompimento com as motricidades opressoras e negacionistas da existência. A luta ocorre, portanto, de forma coletiva para que os/as homens e mulheres cômicos/as percorram por trajetos, usem de artefatos e possibilidades diferentes das que foram utilizadas pelos/as opressores/as (FREIRE, 2009).

Para reafirmar nosso entendimento, recorreremos aos estudos de Hanh (2021, p. 25) esclarecendo que “[...] diferentemente dos tiranos que dominam, o processo de humanização começa, em primeiro lugar, pelos pobres que, não seguindo o modelo dominante, possuem a sensibilidade da verdadeira humanização”. Nesse sentido, os/as oprimidos/as devem buscar alternativas diferentes das utilizadas pelos/as poderosos/as que os/as oprimem, entretanto, para que isso aconteça, esses sujeitos não devem mais os/as ver como modelo ideal de homem e mulher, tampouco serem os/as hospedeiros/as dos/as opressores/as. Essa expugnação deve acontecer de forma totalizada para que esses/as não tenham resquícios das ideologias dominantes dentro de si.

O salto da consciência ingênua à consciência crítica tem o objetivo de pensar numa proposta de alfabetização que “[...] fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos cria-dores; uma alfabetização na qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura” (FREIRE, 1979b, p. 21). Alfabetização e humanização coadunam-se, pois, permitir que os/as alfabetizandos/as sejam contribuintes desse processo e favorecer um entendimento de mundo em sua totalidade é vislumbrá-los/as como seres sociais cognoscentes. Quer dizer, que além de serem capazes de aprender, possam também contribuir para essa aprendizagem, de modo

que sejam sujeitos em sua essência ontológica, como uma predisposição para o avanço da arqueologia de “ser mais”.

De acordo com os pensamentos de Tomaz Tadeu (2017), Freire traz em sua pedagogia uma proposta evidentemente pós-colonialista, por meio da qual insistia veementemente na posição epistemológica dos/as oprimidos/as. Esse pensamento pós-colonial compreende os/as dominados/as partindo de sua própria ótica, tendo como ênfase as suas próprias narrativas na busca pela autonomia e liberdade. Nessa mesma lógica Arroyo (2014) esclarece que Freire em sua pedagogia não nos diz como ensiná-los/as, mas como eles/as aprendem, não pontua como são educados/as, todavia como se educam, partindo essencialmente da posição e condição que os sujeitos estão para, então, traçar uma pedagogia conscientizadora, politizadora e humanizadora capaz de torná-los/as mais humanos, críticos/as e seres políticos.

Para que os homens e as mulheres percorram por um itinerário humanizador de alfabetização, é necessário que, aprioristicamente, superem a condição de coisa que lhes foi historicamente atribuída assim também rompem com a acomodação e com adaptação frente às hegemonias opressoras (FREIRE, 2009). O mesmo autor ainda enfatiza que a preocupação com a humanização dá-se com os desdobramentos da desumanização, em que os indivíduos, despossuídos/as de um olhar autêntico da realidade, são subordinados/as aos opressores/as, passando a aceitar a visão fatalista da realidade, tendo-a como irreversível e indubitável, distanciando-se de uma visão que entende a realidade como um problema passível de intervenção e resolução.

Nessa pedagogia, os trajetos de alfabetização fomentam o entendimento da realidade com uma organicidade irrequieta, sendo essa, portanto, como um problema que se deve ter sempre vigilância. Para que os homens e as mulheres alfabetizando/as sejam libertos/as, precisam superar a consciência ingênua, formando-se com embasamento de uma nova compreensão social e política. Desse modo, de acordo com o que Freire (1979a) acentua, não basta uma pedagogia utópica de anúncio de denúncia, é necessário que se tenha conhecimento acerca da realidade denunciada. Nesse sentido, quando relatamos acerca da libertação para estruturar nossa afirmativa, completamos:

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 2009, p. 38).

Nessa matriz emancipatória, a libertação assume-se dialógica e estruturante, haja vista que abandona as ações e os depósitos que mitigavam os sujeitos. A liberdade passa a construir-se com grande significância, tendo como premissa o estatuto da vocação ontológica para o “ser mais”. Entendemos que nessa pedagogia a humanização é resultado da liberdade, assim sendo libertos/as poderão relacionar-se de forma intersubjetiva e se humanizarem. A utopia<sup>7</sup> gestada nos sujeitos em processo de humanização irradia a luz de um sonho para o melhoramento de suas vidas, de seus pares e do mundo, uma vez que humanizar-se em sonhos é acreditar numa transformação plural, que acontece primeiro de forma singular, na interexistência de cada um para que depois contagie os coletivos de pessoas.

A arqueologia da proposta da vocação ontológica para o “ser mais” se concretiza quando “[...] o indivíduo alimenta a utopia da transformação, da rebeldia ao sistema injusto, da reflexão crítica sobre o sistema e suas possibilidades de intervir, de projetar, de refazer, de agir e criar novas relações baseadas no diálogo, novas estruturas, nova coletividade” (HANH, 2021, p. 78). O entendimento sobre a realidade como irrequieta, devir, quer dizer, realidade que está em constante movimento. Portanto, devemos sempre nos ater à possibilidade de intervenção, considerando que ela não se petrifica como estática, inerte, daí o entendimento das projeções para o agir, (re)criar e transformar não ocorrerem essencialmente na singularidade, mas com os coletivos do gênero humano que andarilham e se dispõem ao chamamento para serem mais.

O declínio para o chamamento para o “ser mais” funciona como uma força propulsora que está gestada dentro de cada um de nós. Essa (pro)vocação nos chama para sermos sempre melhores, opostos aos preceitos fatalistas e desumanizantes. Essa fazedura para o “ser mais” é, no nosso entendimento, como uma energia que intenta sempre o bem comum humanizador, entretanto não pode ser compreendida como uma competição em que desafia quem será mais e melhor. Esse receituário ontológico para o “ser mais” ancora-se na perspectiva da solidariedade, pautada nos preceitos éticos. Diferentemente da antieticidade que aguça a competição, as normas capitalistas e neoliberais, a eticidade em que nos apoiamos pode ser compreendida nesse arcabouço como uma ação transformadora, capaz de visibilizar todos/as que estejam situados/as na conjuntura social.

As motricidades humanizantes vão de encontro ao ideário opressor, por isso a alfabetização nessa pedagogia é pluridialógica. A dialogicidade nesse princípio aproxima-se da maiêutica socrática, porquanto favorece os indivíduos a produzirem seus próprios conhecimentos, partindo das problematizações e dos questionamentos. A essência dos princípios dialógicos de Freire não se

---

<sup>7</sup> Falar da filosofia de Freire e humanização é importante que consideremos vários elementos fundantes desse seu pensamento que favorecem a totalidade da ação humanizante. Nessa lógica enfatizamos que a utopia ou sonho, endossa essa caminhada de “desobjetificação”, em que os sujeitos tecem em seu imaginário as possibilidades de melhoramento de suas vidas, da (re) construção de um mundo mais afável, habitável.

fundamenta em uma ação apenas de (des)cobrimento do pré-existente, de constatação daquilo já apurado ou de questões já solucionadas, nessa pedagogia a ação dialógica acontece essencialmente pelas problematizações, perguntas que requerem respostas, ponderações e reflexões acerca dos questionamentos. Mas essas indagações não se afastam dos sentimentos experienciados, da emoção existente em cada ser, gente, exposta e presente em cada um de nós em que buscamos construímos a realidade há centenas de anos (ANA FREIRE, 2015).

Essa ação dialógica, seguindo os ideais dessa mesma autora, compreende:

O diálogo freireano procura desvelar a verdade que está na relação subjetividade-objetividade, nunca na objetividade mecanicista ou na subjetividade delirante do subjetivismo – ambas alheias à história do momento das perguntas que precisam ser feitas, que trazem, portanto, os conhecimentos e os mitos, as crenças e os valores do passado; os desejos e os afetos e os sonhos utópicos do presente preparando-nos para o futuro melhor e mais bonito (FREIRE, A 2015, p. 295).

O movimento nesse princípio não marginaliza ou esquece a existência humana, diferente dos monólogos aos quais muitos/as foram subordinados/as. Essa proposta democrática de alfabetização consagra a valorização da vida e o reconhecimento dos sonhos, possibilitando que os/as alfabetizando/as já cômicos/as tenham liberdade e autonomia para serem “seres mais”, não apenas ser, ou “ser menos” em que ocupam a posição de seus/as opressores/as, mas livres desse determinismo e, portanto, preparados/as para as reparações na tessitura social. Enfatizamos que o diálogo em Freire (2009), sobretudo nos percursos alfabetizadores, não se encaixam apenas como conversas despreziosas ou diálogos sem fins assertivos, em virtude de sua filosofia nos esclarecer uma dialogicidade ancorada na afetividade e na amorosidade, compromisso ético com a espécie humana, priorizando a preservação da vida. Assim, entendemos-lhe como biófila.

Essa vertente centrada na biofilia mostra-nos como o pensamento de Freire preocupa-se com as pessoas humildes, mais afastadas da dinamicidade social, vedadas do usufruto dos bens sociais, culturais e simbólicos. Diante desse contexto, por priorizar a vida e a democratização social, Freire ensina-nos a ter esperança. Contudo, esperar dentro de bojo filosófico não significa esperar, mas esperar com ação, na tomada de consciência e na busca pelas resoluções das demandas da desigualdade de acordo como se apresenta cada conjuntura. Tomando como exemplo a atual conjuntura, seria a fome, o inaccessível à educação e outras heranças assíduas ao nosso sistema brasileiro que se opõem à humanização.

Por serem contrários aos modelos, às convicções e aos movimentos desumanizantes, a filosofia freiriana, o método e o pensamento sempre estiveram irradiados à luz de uma proposta libertadora, tentando vislumbrar a predisposição ontológica nos homens e nas mulheres para serem “seres mais”, cômicos/as e humanizados/as. Essa humanização dentro do espectro da

alfabetização nada mais é do que “[...] consciência política que vamos adquirindo, e como o “ser mais” é um confronto com o “ser menos” não poderá ser se não dentro de um processo político concreto, dentro de uma sociedade com um sistema determinado” (HAHN, 2021, p. 76). Para serem “seres mais”, é necessário não serem “seres menos”. Conquanto, há um duelo entre as motricidades dominantes, daí que entendemos esse percurso como um processo incompleto, de inacabamento, pois onde há vida há inacabamento (FREIRE, 2013a).

O inacabamento sempre será parte presente na vida dos sujeitos, quer sejam alfabetizados/as ou em alfabetização, conscientes ou em processo de conscientização. Essa incompletude é parte integrante e inerente à espécie humana. Com essa percepção de inconclusão, os/as que sentem necessidade de humanização e percorrem os caminhos que ela requer, serão. Todavia, é importante esclarecermos que essa ação humanizante não é um processo, mas está pré-determinado. Portanto, é importante que todos/as apresentem entusiasmo e disponibilidade para a busca de evolução em um processo incessante.

A humanização é processo gradativo e dialógico que não pode acontecer de forma intercalada, esvaziada e frívola, mas que deve desenrolar-se de maneira assídua e constante. Os homens e as mulheres que cruzam os trajetos de alfabetização assumem-se como seres criadores, que (re)criam tanto a si quanto o mundo, de modo que se relacionam com outros sujeitos já conscientes de maneira intersubjetiva que não impossibilita uns aos outros de serem. Nessa lógica, entendemos que a dinamicidade ontológica deve ocorrer em países como o Brasil, em que somos subordinados/as às hegemonias capitalistas e a malvadezes neoliberais. O ponto de partida para tornarem-se humanizados/as ocorre na inquietude, na disponibilidade para a mudança, no desapego das amarras sociais e ideológicas que os/as vitimizam como coisas. Nesse propósito, assumem-se cada vez mais humanos e coletivos de gentes que entendem sua posição no mundo, revelando-se como pessoas do mundo e para o mundo.

### **Considerações finais parciais: início de novas reflexões**

Intentamos com esse estudo elaborar breves reflexões sobre a alfabetização de pessoas que precisam da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EPJA), homens e mulheres que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na infância. Acerca da alfabetização, a discussão sustentou-se à luz da arqueologia e do estatuto da vocação ontológica para o “ser mais”, baseada nos estudos de Freire, que defende uma educação para humanização e liberdade. Nessa lógica, entendemos que o processo de humanização requer dos sujeitos oprimidos a predisposição e a vontade de mudança. Destarte, inicia-se então rompimento com a acomodação e a adaptação frente às hegemonias

opressoras, para, em seguida, caminharem para a conscientização de homens e mulheres inclinados/as ao chamamento para serem “seres mais”.

No pensamento freiriano, a proposta de alfabetização está indissociada do processo de criticização, que dá aos/as alfabetizandos/as condições de lerem além dos textos os contextos em consonância com o mundo, podendo (re)criar suas próprias biografias, tornando-se, portanto, cada vez mais sujeitos e menos indivíduos. Dessa forma, a abordagem nessa educação propicia um reconhecimento da essência ontológica de homens e mulheres, sujeito e seres sociais, que constroem de forma dialógica a autonomia e a participação dessas pessoas jovens e adultas no âmbito social.

A dialogicidade nesse ideário consolida-se como elemento fundante, que rompe com a cultura dos monólogos, antes hegemônica por intermédio das motricidades opressoras. A dialogia, nesse movimento, não se trata apenas de conversas dispendiosas, mas de uma ação recorrente para o percurso de humanização. Nesse trajeto, já cômicos/as, relacionam-se de forma intersubjetiva, sendo ontologicamente o que são e permitindo que os/as outros/as também sejam, sem impedimentos ou violação no direito de ser, podendo não apenas ser, mas serem “seres mais”.

Compreendemos que o “ser mais” é inerente à espécie humana, mas precisa de um chamamento e uma (e)vocação para que as pessoas sintam-se irrequietas e com desejo de serem melhores do que já foram. No contexto alfabetizador, homens e mulheres percebem-se como sujeitos criadores e são responsáveis pelo processo de criação. Desse modo, entendem que a realidade não é estática, portanto, percebem-na como um problema, tendo como recorrência sempre a vigilância para intervenção.

Os itinerários dialógicos de alfabetização constroem-se com o propósito de esclarecer aos sujeitos sua posição no mundo, arquitetando/a como ser cognoscente e o mundo cognoscível, passível de intervenção, ação decorrente da autonomia que adquirem durante os círculos de cultura. Nessa lógica, já entendidos/as sobre os condicionantes que os/as subalternizam, endossam a luta para buscarem as melhorias numa ação de tomada de consciência, seguida da insubordinação.

Os pensamentos da matéria freiriana desvelam-nos como devemos olhar e refletir acerca da essência ontológica das pessoas em processo de alfabetização para que possamos entender quais as posições históricas e sociais que ocupam, as forças opressoras e como se libertam a partir da própria existência e da ontologia que os/as predispõem para que consigam insubordinarem-se, humanizarem-se e atenderem ao chamamento para que não possam “ser menos”, ou apenas ser, todavia transcendam, sendo “seres mais”.

## Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FINHOLDT ANGELO LEITE, Vania. Ser Mais: coerência entre a vida e o conceito de Paulo Freire. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 16, p. 1–12, 2021. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.16.16581.046. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16581>. Acesso em: 29 out. 2022. Doi: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.16581.046>.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire*. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, maio-ago, 2015. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/edicao/500>. Acesso em: 30 set. 2022.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979b.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 48. reimpr. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

HANH, Adriano Luís. *Como o ser mais em Freire humaniza o indivíduo?* São Leopoldo, Casa Leira, 2021.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete Lições sobre Educação de Adultos*. São Paulo, Ed. Cortez, 15 Edição, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo. Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TRINDADE. Marcos Aurélio. O conceito de “ser mais” em Paulo Freire e a relação professor-aluno. *Revista Confilotec*. Ano 4, vol. 7- 2018. São Paulo. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-comfilotec/issue/archive>. Acesso em: 15 out. 2022.